

**ESPORTE E PROPAGANDA POLÍTICA:  
UM ESTUDO COMPARADO DOS GOVERNOS  
DE VARGAS (1930-1945) E PERÓN (1946-1955)**

**DEPORTE Y PROPAGANDA POLÍTICA: UN ESTUDIO COMPARADO DE LOS GOBIERNOS  
DE VARGAS (1930-1945) Y PERÓN (1946-1955)**

**SPORTS AND POLITICAL PROPAGANDA: A COMPARATIVE STUDY OF THE VARGAS  
GOVERNMENT (1930-1945) AND PERON (1946-1955)**

**Victor Andrade de Melo**

*Universidad Federal de Río de Janeiro – Brasil*

**Resumen:** Este artículo tiene por objetivo analizarla utilización del deporte como instrumento político durante la primera etapa Vargas, en Brasil, y durante los dos primeros mandatos de Juan Domingo Perón, en Argentina. Tanto Vargas como Perón buscaban identificar su régimen político con las victorias obtenidas en los campos de deporte. De esta forma, el control estatal sobre el deporte y su utilización por los medios de propaganda política reafirmaban la identificación nacional entre el deporte y los gobiernos, resaltando los nuevos modelos de nación y ciudadanos creados por el varguismo y el peronismo. Se pretende también analizar las diferencias en la forma en que cada gobierno abordó el deporte y sus modelos de intervención en la estructura política interna del mismo. Se espera que este trabajo aporte contribuciones significativas para el debate sobre la producción de un ideario político a través del deporte, así como sobre el proceso de formación de identidades nacionales en América Latina, y más específicamente Brasil y Argentina.

**Palabras clave:** Deporte; política; história comparada.

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a utilização do esporte como instrumento político durante e primeira Era Vargas, no Brasil, e durante os dois primeiros mandatos de Juan Domingo Perón, na Argentina. Tanto Vargas como Perón buscavam identificar o regime político com as vitórias obtidas no campo esportivo. Desta forma, o controle estatal sobre o esporte e sua utilização pelos meios de propaganda política visavam criar um elo de identificação nacional entre o esporte e os governos, ressaltando os novos modelos de nação e cidadãos engendrados pelo varguismo e pelo peronismo. Pretendeu-se também analisar as diferenças na abordagem de cada governo sobre o esporte e seus modelos de intervenção na estrutura política interna do esporte. Espera-se que este trabalho possa trazer contribuições significativas para o debate sobre a produção de um ideário político através do esporte, assim como sobre o processo de formação de identidades nacionais na América Latina, mais especificamente no Brasil e na Argentina.

**Palavras-Chave:** Esporte; política; História comparada.

**Abstract:** This article has as its main objective the analysis of sport as a political instrument during the first Vargas Era, in Brazil, and during Juan Domingo Perón's first two mandates, in Argentina. Both Vargas and Perón tried to identify their political regime to the victories on the sport field. Therefore, the State's control over sport and its usage by the means of political propaganda aimed at creating a link of national identification between sport and government, reaffirming the new models of nation and citizens produced by varguism and peronism. The article also attempts analyzing the differences in the approach of each government in their models of intervening in the internal structure of sport. We hope this dissertation may bring significant contributions to the debate on the production of political ideology through sport, as on the process of the making of national identities in Latin America, especially in Brazil and Argentina.

**Keywords:** Sport; politics; Comparative history.

2 a 4 de outubro de 1934.

O dia 3 do corrente, aniversário da Revolução, não teve qualquer festividade.

Parece até que passou esquecido. Observei-o com amargura. Apenas, nesse dia, tivemos a corrida de automóveis. Foi um espetáculo empolgante: grande multidão, pista difícil, corrida arriscada, alguns acidentes, vários que desistiram da prova em meio. Por fim, venceu um brasileiro. Como é forte o sentimento nacional! (...) Junto a mim estavam o embaixador argentino e algumas senhoras.

Guardando a atitude de compostura exterior, eu imediatamente sentia-me comovido, com receio até de que me saltassem lágrimas se vencesse um estrangeiro. E eu mesmo me analisava, tomado daquela emoção estranha que procurava reprimir.

Getúlio Vargas<sup>1</sup>

Getúlio Dornelles Vargas e Juan Domingo Perón foram, indiscutivelmente, dois dos maiores líderes políticos da América Latina no século XX. Tanto o primeiro governo de Vargas, iniciado com uma revolução em outubro de 1930, como o primeiro governo de Perón, eleito legitimamente em fevereiro de 1946, foram decisivos no desenvolvimento de seus respectivos países, e são peças fundamentais para o entendimento dessas nações.

Muito similares no que por muitos foi denominado populismo, os dois regimes compartilharam diversas semelhanças em seus mais diversos aspectos, assim como possuíam profundas diferenças em muitos outros. Ambos estavam centrados em um líder carismático que possuía sua base ligada aos setores populares. Portadores de discursos antiimperialistas e portadores de reivindicações sociais, levaram a cabo a implantação de legislações trabalhistas e tinham como chave de seu projeto cultural

<sup>1</sup> VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. v. 1. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995, p. 331.

nacionalista a consolidação da identidade nacional e a realização de grandes eventos cívicos e esportivos. Já entre suas diferenças mais evidentes, pode-se identificar a ausência de partidos políticos no caso brasileiro e a criação de um partido centralizado sob Perón, bem como a existência de eleições no caso argentino, uma vez que este não abandonou os limites do Estado de direito, em contraste com a ausência de eleições diretas no governo Vargas (ou com a ditadura do Estado Novo).

Desta forma, ao propor uma análise comparada entre a utilização dos esportes como meio de propaganda política nos governos de Vargas e Perón, é necessário ocupar-se não apenas das semelhanças entre os dois casos. Muito pelo contrário. Em diversas ocasiões, as diferenças existentes são de importância fundamental e podem ser tão – ou ainda mais – relevantes do que suas semelhanças.

### **PROPAGANDA POLÍTICA, IMPRENSA E ESPORTE**

A propaganda política foi um elemento fundamental dos governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Ambos os líderes souberam utilizar os meios de comunicação, com a intenção de divulgar um pensamento oficial e transmitir um sentimento à população, como não havia sido feito até então na América Latina.

Ao se analisar a propaganda política nos governos de Vargas e Perón, é importante ressaltar o caráter autoritário desses governos. Admiradores confessos de Mussolini e Hitler, tanto Vargas como Perón herdaram dos regimes europeus a consciência de que a propaganda política poderia se tornar uma arma de grande eficiência na árdua tarefa de unificação nacional. Segundo Maria Helena Capelato, os governos varguista e peronista teriam buscado referências nos exemplos de Hitler e Mussolini para seus modelos, “tanto no que se refere à forma de organização da propaganda como nas mensagens e nos apelos realizados com o intuito de sensibilizar o receptor para práticas políticas de sustentação do poder.”<sup>2</sup>

A propaganda política de Vargas e Perón tinha diversas similaridades à propaganda nazista. Apelos emocionais, promessas de benefícios ao povo – como emprego e aumento de salários – e a utilização de insinuações indiretas, são exemplos destas semelhanças. Além disso, pode-se ver a propaganda de Vargas e Perón à luz da concepção de Hitler, segundo o qual “a arte da propaganda consiste em ser capaz de despertar a imaginação pública fazendo apelo aos sentimentos, encontrando fórmulas psicologicamente apropriadas que chamam a atenção das massas e tocam os corações.”<sup>3</sup>

Assim como na Alemanha nazista de Hitler e na Itália fascista de Mussolini, o varguismo e o peronismo dedicaram considerável parte de suas forças à edificação de uma propaganda política, em busca de apoio popular e legitimidade entre as massas. E um importante pilar na construção dessa propaganda foi a utilização dos esportes e uma produção cultural destinada a propagar os novos valores que visavam serem incutidos junto ao povo. Novos modelos de nação e cidadania eram produzidos e precisavam chegar a seu público alvo. Nesse sentido o esporte se mostrava um grande aliado da propaganda política nestes regimes, assim como o havia sido na Itália de Mussolini, que

---

<sup>2</sup> CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998, p. 34.

<sup>3</sup> Apud CAPELATO, Maria Helena R. *Op. cit.* p. 64.

hospedou a Copa do Mundo de 1934, e na Alemanha nazista, anfitriã dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlin.

Tanto o varguismo como o peronismo, ao se apropriarem das idéias provenientes da experiência européia, adotaram várias de suas técnicas de propaganda. No entanto, não se deve crer que os modelos aplicados na América eram cópias exatas dos modelos europeus. As idéias, imagens e práticas adotadas pelos movimentos nazi-fascistas na Europa, ao serem transportadas para a América Latina, foram apropriadas e ressignificadas de acordo com a cultura local, no que Néstor Canclini chamou de hibridização<sup>4</sup>. Isto é, as idéias vindas da Europa se mesclavam às encontradas no Brasil e na Argentina, produzindo algo novo e particular de cada realidade.

E a propaganda política teve, sem dúvida, suas particularidades locais, apesar de suas semelhanças. Como aponta Capelato, “os dois regimes tinham objetivos comuns em relação à propaganda política, ou seja, conquistar o apoio da sociedade. Mas a prioridade dessa proposta não era igual, tendo sido muito mais forte na Argentina.”<sup>5</sup>

E de fato Perón teve um intenso interesse na propaganda política, como demonstrou em 1944 o ainda coronel Perón. No mês de janeiro, um terremoto devasta a cidade de San Juan, capital da província argentina que leva o mesmo nome, causando grande comoção nacional. Como primeiro oficial do governo a se pronunciar, o então secretário de Trabalho e Provisão invade as ondas de rádio em nome do presidente da nação, o general Pedro Ramírez, afirmando que o exército está tomando todas as providências para o auxílio às vítimas do desastre. Mas a jornada do coronel não para por aí. Ele levanta um fundo de auxílio às vítimas do terremoto e começa com a contribuição de 200 mil pesos descontados diretamente dos soldos dos funcionários militares que trabalham no governo.

Apesar de se pronunciar em nome do presidente Ramírez, é o nome de Perón e de sua Secretaria de Trabalho e Provisão que aparecem na campanha. Como se pode atestar com sua afirmação: “En la Secretaría de Trabajo y Previsión a mi cargo están abiertas las puertas para recibir a quienes de una u otra forma quieren hacerse presentes en esta cruzada del dolor argentino.”<sup>6</sup> O nome de Perón e sua secretaria simbolizam a luta contra a dor argentina.

Mas o coronel não parou por aí. De volta ao rádio no dia seguinte, convocou a criação de uma comissão de coleta para as vítimas do desastre e, ainda no mesmo dia de domingo, voltou ao ar na função de secretário do Ministro da Guerra – posição que ocupava paralelamente a seu posto na secretaria – para divulgar os atos do exército quanto ao desastre. Perón se utilizava de todas as suas funções no governo para ligar sua imagem à recuperação nacional frente ao desastre.

Durante a semana, como secretário de Trabalho, se reúne com atores de teatro, cinema e rádio e organiza uma coleta em nome das vítimas. Nestes dias, os atores convocados por Perón percorrem as ruas do centro de Buenos Aires, acompanhados, cada um, de representantes do exército e da marinha fardados. Recolham doações em uma urna lacrada coberta com uma faixa que continha a legenda “Secretaria de

<sup>4</sup> Néstor García Canclini chama de hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997, p. XIX.

<sup>5</sup> CAPELATO, Maria Helena R. *Op. cit.* p. 51.

<sup>6</sup> ARINGOLI, Guillermo D’Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006, p. 33.

Trabalho e Provisão”.<sup>7</sup> A Imagem de Perón se funde cada vez mais com o delicado momento emocional argentino. Perón ainda afirma que as doações em dinheiro devem ser feitas em nome de “Secretaria de Trabalho e Provisão, coronel Juan Perón.”<sup>8</sup> O recado fica evidente. Mais claro do que isso somente quando Perón anuncia no rádio que iria às onze da manhã de sábado percorrer pessoalmente a rua Florida – centro nevrálgico da capital nacional – para recolher doações à nobre causa. E assim ele faz, acompanhado de vários nomes do mundo do espetáculo portenho. Ainda na mesma manhã, o coronel vai à estação ferroviária receber órfãos da catástrofe.

Um grande termômetro da campanha de arrecadação é exibido junto ao obelisco, marco maior da capital, mostrando a quantidade arrecadada pelo governo, ou pela Secretaria de Trabalho de Perón. O sucesso da campanha é inegável e o próprio presidente Ramírez o credita ao coronel. O fechamento da campanha se dá na grande arena esportiva de Buenos Aires, o Luna Park. O estádio fechado, palco tradicional de lutas de boxe, jogos de basquete e outros tantos esportes, recebe uma multidão entretida por números artísticos, transmitidos em cadeia nacional pelo rádio. Ao final da noite, o público recebe com grande entusiasmo seu presidente, o general Ramírez, e Perón. O esforço do novo governo foi reconhecido e ressaltado pelo breve discurso do general. No entanto, apesar de estar no palco junto ao presidente da nação, é Perón quem se pronunciará no encerramento do evento, fechando a solenidade com o discurso final.

Fica aparente, nesta ocasião tão bem aproveitada pelo então coronel, como a propaganda pode ser utilizada de modo a despertar as emoções e provocar paixões. E é exatamente isso que Perón procura produzir com sua quase onipresença nas rádios e nas campanhas beneficentes. Desta forma, Perón consolidava sua imagem de benfeitor, caráter essencial à um grande número de pessoas mais necessitadas na Argentina, que mais tarde viriam a ser denominadas “descamisados”.

Assim como Perón, Getúlio Vargas também fez grande uso da propaganda em seu governo. No entanto, sua participação na propaganda do regime não se faz de forma tão direta como com Perón. Getúlio utiliza-se de um poderoso órgão de propaganda que se espalha por todos os setores da cultura nacional, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939. Na verdade, a criação do DIP foi o ponto culminante de uma preocupação com a propaganda. Em 1931, menos de um ano após sua chegada ao poder, Getúlio Vargas cria o DOP – Departamento Oficial de Publicidade, vinculado ao Ministério da Justiça. A princípio, o DOP se ocupava basicamente com o rádio e com o fornecimento de informações oficiais à imprensa. É apenas com a criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), em abril de 1934, que a propaganda é alçada a um ponto de importância maior. O novo órgão, que substituiu o então extinto DOP, ficou ao encargo de Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano. Manifesto admirador do fascismo italiano.

Foi a importância do cargo ocupado por Lourival Fontes, assim como sua simpatia por Mussolini e seu regime, que fez com que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) o convidasse para chefiar a delegação brasileira que se encaminhava à segunda Copa do Mundo organizada pela FIFA, sediada na Itália. Fontes havia intervindo diretamente na querela entre as duas entidades que disputavam o controle do

---

<sup>7</sup> Dentre estes atores encontrava-se uma então desconhecida atriz de rádio, Eva Duarte.

<sup>8</sup> ARINGOLI, Guilherme D’Arino. *Op. cit.* p. 36.

futebol nacional<sup>9</sup>, fazendo com que cessassem as acusações mútuas e passassem a exaltar a seleção nacional, que representaria a pátria no certame internacional. O esporte, em especial o futebol, já despontava no Brasil como um importante elemento de propaganda nacionalista.

Em 10 de novembro de 1937, forças presidenciais fecham o Congresso Nacional e é instituído o Estado Novo. Os partidos políticos são extintos e uma nova Carta Constitucional, a “Polaca”, entra em vigor em todo território brasileiro. Esta nova carta impôs rígidos códigos à imprensa nacional – agora considerada serviço de utilidade pública – e ampliou o alcance de controle governamental nos meios de comunicação. No início de 1938 o DPDC é transformado no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), ainda ligado ao Ministério da Justiça e sob as ordens de Lourival Fontes. O DNP começa a exercer a censura e o controle de todos os meios de comunicação, atuando em todos os campos da cultura nacional, como a educação, o cinema e o esporte, entre tantos outros. Foi com o DNP que teve início o famoso programa de rádio “Hora do Brasil”, transmitido diariamente em todas as rádios do país.

De acordo com o Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do CPDOC/FGV, O DNP teve como uma de suas principais atividades a promoção do Brasil no exterior, particularmente através do lançamento de jornalistas e escritores nacionais em jornais estrangeiros e da criação do *Boletim de Informações*, editado em quatro idiomas e distribuído em hotéis, consulados, embaixadas, navios etc.<sup>10</sup>

Esta preocupação com a promoção do Brasil no exterior foi refletida também na Copa do Mundo de 1938, disputada na França. A delegação brasileira que se encaminhava ao campeonato tinha sua ligação com Vargas feita através de Alzira Vargas, filha do presidente e madrinha da seleção nacional. Contando com uma generosa subvenção governamental para as despesas no campeonato, a seleção brasileira partiria para a França para disputar, pela primeira vez, uma Copa do Mundo com sua força total. O otimismo popular era grande. Antes do embarque no navio “Arlanza”, os membros do esporte brasileiro foram recebidos pelo presidente da República, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar clara a importância que o título teria para o espírito pátrio.

De fato o Brasil faria uma grande participação no certame, ficando em terceiro lugar, tendo perdido apenas para a campeã Itália na semifinal, sem sua principal estrela, Leônidas, em um jogo muito polêmico, principalmente no tocante ao pênalti que resultou no segundo gol da Itália. O jogo gerou profundas revoltas entre os brasileiros,

---

<sup>9</sup> O período de 1933 a 1937 foi marcado por uma profunda divisão no futebol brasileiro. Duas entidades disputavam o controle do futebol no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), amadorista, e a Federação Brasileira de Football (FBF), profissionalista. Na realidade, esta divisão era uma contenda entre duas elites que buscavam o comando do esporte no Brasil. A primeira, representada pela CBD, era comandada por Luiz Aranha e simbolizava a nova elite que chegara ao poder com a Revolução de 1930. A da FBF, que possuía em Arnaldo Guinle seu principal nome, representava a antiga oligarquia que comandava o futebol brasileiro desde suas origens. Para maiores detalhes, ver DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. En: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 107-132.

<sup>10</sup> ARAÚJO, Rejane. “Departamento de Imprensa e Propaganda”. En: ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMANN, Fernando; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 2, p. 1832.

que receberam os jogadores festejando um título “moral”. O poder do esporte como um símbolo nacional chegava a um de seus pontos culminantes na ocasião, como aponta Gilberto Agostinho:

O locutor Gagliano Neto, o primeiro a transmitir um jogo de futebol da Europa para a América, considerou o pênalti legítimo, enquanto muitos cogitavam no Brasil de que o jogo pudesse ser anulado. Transparecendo o nacionalismo latente de um mundo que destilava xenofobia, o locutor foi duramente atacado pelos próprios brasileiros, passando a ser chamado de “italiano nato” e tendo sua carreira de radialista seriamente comprometida.<sup>11</sup>

Tal simbolismo não passou despercebido por Getúlio, que dentre as várias entradas de seu diário sobre os jogos do Brasil nesta Copa, escreveu: “o jogo de *football* monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional.”<sup>12</sup> A esta altura, o esporte já está definitivamente incluído nos planos propagandísticos do governo.

O controle estatal sobre os meios de comunicação se aperfeiçoaram ainda mais quando, em dezembro de 1939, o Departamento Nacional de Propaganda foi transformado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ainda comandado por Lourival Fontes. O novo órgão, agora ligado diretamente ao presidente da República, ampliava ainda mais o controle estatal sobre a propaganda oficial e exercia a censura à imprensa.

Assim como o DIP era ligado diretamente a Vargas no Brasil, na Argentina a Secretaria de Imprensa e Difusão era a Perón. Era esta secretaria, sob a direção de Raúl Apold, que se encarregava da direção da propaganda oficial peronista. Apesar de não haver uma censura propriamente dita na Argentina, a secretaria contava com 13 editoriais, 17 periódicos, 10 revistas e 4 agências de informação.<sup>13</sup> No entanto, o controle da imprensa argentina passava também pelo ministro do interior, Ángel Borlhegi.

Tanto na Argentina como no Brasil, no entanto, a pressão dos governos sobre a imprensa não era apenas política, mas também econômica. Isenções de impostos de importação sobre papel – concedidas apenas aos jornais que seguissem as orientações governamentais – e de créditos bancários governamentais, entre outros meios, se mostraram meios muito eficientes de se cooptar jornais ao ideário governista.

No entanto, a propaganda peronista na imprensa ganha um novo impulso através da aquisição da maioria das ações do grupo Haynes, império periodístico que contava com o jornal *El Mundo* e com as revistas *El Hogar*, *Selecta*, *Mundo Argentino* e *Caras y Caretas*, todos de grande circulação. Após assumir o controle da empresa, o governo argentino lança uma série de revistas, tendo em vista levar suas idéias a todos os públicos. Desta forma, aos títulos pré-existentes, somam-se revistas como *Mundo Agrário*, *Mundo Infantil*, *Mundo Radial*, *Mundo Deportivo*, *Mundo Atômico* e *Mundo Peronista*. Financiados em parte por uma série de anúncios do governo, os novos periódicos são comandados pelo major Carlos Aloé, antigo colaborador de Perón e governador da província de Buenos Aires em 1952.

<sup>11</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002, p. 145.

<sup>12</sup> VARGAS, Getúlio. *Op. cit.* p. 140.

<sup>13</sup> ARINGOLI, Guillermo D'Arino. *Op. cit.* p. 160.

Em 1949, Aloé funda e dirige o semanário *Mundo Deportivo*, revista esportiva do grupo Haynes que visa concorrer com o também semanal *El Gráfico*. Publicado um dia antes de seu rival com mais cores e páginas, *Mundo Deportivo* assume abertamente seu caráter peronista. Recheada de artigos sobre as obras do governo, sobre a influência de Perón sobre o esporte ou mesmo na cobertura de atletas patrocinados pelo governo que conquistavam vitórias no exterior, seus editoriais, assinados por Carlos Aloé, geralmente terminavam relacionando o tema abordado à “Nova Argentina”. Como no editorial de 27 de abril de 1950, sobre “A Mulher e o Esporte”, em que fecha seu artigo dizendo:

Es la Nueva Argentina en marcha, con toda la juventud, solidaria y unida, que ha encontrado su destino y va hacia la historia con la seguridad que le dan su juventud de hombres y mujeres sanos y fuertes, y que tendrá hijos también sanos y fuertes – hijos de deportistas –, que serán enérgicos, tenaces, con esa férrea voluntad para vencer. Y vencerán.<sup>14</sup>

Através de seu periódico esportivo, Aloé buscava, sempre que possível, associar o governo ao sucesso esportivo da nação, como no campeonato de xadrez disputado na Jugoslávia, onde um enxadrista argentino terminou na segunda colocação. A manchete do *Mundo Deportivo* destacava “La notable actuación en Dubrovnik es el triunfo de la Nueva Argentina”.<sup>15</sup> Tal esforço pode ser encontrado de forma consistente nas páginas deste periódico.

Já na revista *El Gráfico*, as menções ao governo peronista ou a algum de seus membros eram escassas e, quando presentes, sucintas. Apesar da forte presença do governo na área cultural, alguém que apenas lesse o *El Gráfico* poderia não saber que a Argentina vivia sob a égide de Perón. Apesar de não se posicionar diretamente contra o governo peronista – algo compreensível, visto o momento político vivido na Argentina –, a mera ausência de nomes como Perón e Evita nas manchetes já era sinal de dissidência.

Essa disparidade entre os dois periódicos pode ser vista quando do falecimento de Eva Perón, em julho de 1952. O primeiro número do *Mundo Deportivo* após sua morte é inteiramente dedicado à Evita, tendo na capa sua foto sobre a inscrição “Eva Perón, chefe espiritual da nação”.<sup>16</sup> Neste número, 45 das 75 páginas são dedicadas à esposa de Perón, destacando sua participação em diversos esportes. Já *El Gráfico* destaca apenas 3 páginas de sua edição do dia 1 de agosto, com um curto texto na página 3.

Já no Brasil, a imprensa esportiva não foi alvo de intervenção direta do governo. O *Jornal dos Sports*, principal diário esportivo da capital, foi um grande aliado do governo. Dirigido por Mario Filho a partir de 1936, o *Jornal dos Sports* propagava em suas páginas valores compartilhados pela nova ideologia oficial. Do lápis de Mario Filho saíam colunas esportivas que geraram vários livros, entre os quais destacou-se como sua obra prima “O Negro no Futebol Brasileiro”, que era, nas palavras de Ruy Castro, como “uma espécie de Casa Grande e Senzala urbana”.<sup>17</sup> Assim como Gilberto Freyre, o diretor do *Jornal dos Sports* atuava na promoção do ideal da democracia racial brasileira, promovendo os grandes jogadores negros no Brasil e destacando o papel da

<sup>14</sup> Mundo Deportivo, 27 de abril de 1950, p. 26.

<sup>15</sup> Idem, 14 de setembro de 1950, p. 66.

<sup>16</sup> Idem, 31 de julho de 1952, p. 1.

<sup>17</sup> CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 222.



miscigenação racial na formação do estilo brasileiro de jogar futebol. Não foi por acaso que Gilberto Freyre assinou o prefácio à primeira edição do livro de Mario Filho. Neste, Freyre compartilha com o autor a idéia de um jogo tipicamente natural, dizendo que “em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço.”<sup>18</sup>

O ideal de democracia social, aliado a um discurso de unidade nacional era recorrente nas páginas dos principais veículos da imprensa esportiva brasileira. A busca da intelectualidade nacional por um símbolo de unidade era refletida nas crônicas esportivas, e o esporte – em especial o futebol, no Brasil – era um palco privilegiado para tal. Como escreveu o consagrado escritor José Lins do Rego, também cronista esportivo, após a vitória brasileira da Copa Rio Branco de 1932.

Os rapazes que nos representaram, triunfalmente, em Montevideú, eram no fundo um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de uma família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Gradim, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira.<sup>19</sup>

A vitória da equipe brasileira sobre os uruguaios causou grande comoção na cidade. O Uruguai sagrara-se campeão do mundo dois anos antes na primeira Copa do Mundo, na qual fora país sede, em 1930. Na verdade, o país considerava-se tricampeão mundial, visto que tinha vencido as duas olimpíadas anteriores, em 1924 e 1928, além da Copa de 30. É nesta disputa que aparece pela primeira vez na seleção nacional aquele que vai se tornar o maior ídolo da década no futebol brasileiro: Leônidas da Silva – autor dos dois gols da vitória por 2x1. Assim o futebol tornava-se mais um elemento formador do novo conceito de brasilidade, ou da “boa moda brasileira”, como disse José Lins do Rego.

Termos como “civismo”, “pátria” e “nação” inundavam as páginas da imprensa esportiva do período. No entanto, não se deve achar que tal produção fosse ditada “de cima para baixo”, imposta pelos meios oficiais. A ideologia oficial deve ser entendida como um reflexo de uma idéia já presente em meio à sociedade, não como uma imposição aceita passivamente pelo povo, imprimida pelo Estado com o auxílio dos meios de comunicação, e recebida sem maiores questionamentos ou ressalvas. Esses produtos culturais, ao circularem em meio à sociedade, foram transformados por seus consumidores e readaptados por seus produtores, readequando-os às exigências da sociedade em questão. Em outras palavras, mesmo a cultura dita de elite, vista por alguns como uma imposição regida pelos meios oficiais, ao se popularizar é transformada pelos diversos grupos sociais que a (re)interpretam e modificam.

Assim, fica aparente que ao se pensar sobre a formulação de uma nova identidade e de uma nova ideologia, não se trata de identidades e ideologias criadas somente pelo Estado, mas de uma relação de troca entre iniciativas estatais e demandas coletivas. A cultura nacional, divulgada e incentivada pelo poder estatal, deve então ser entendida como um produto híbrido resultante deste processo de circularidade cultural.

É neste processo de formação de identidades que o esporte foi visto como elemento de grande utilidade para os governos de Getúlio e Perón. Tanto Vargas como Perón tinham grande preocupação com a formação da identidade nacional em seus respectivos países. E nesse sentido, o esporte teria uma importância estratégica, já que

<sup>18</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 25.

<sup>19</sup> Apud RIBEIRO, André. *O diamante eterno*: biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 50.

atuaria como um mediador entre indivíduos e identidades. Ao se tornar um símbolo pátrio, o esporte associaria todos os cidadãos sob um mesmo signo, sob uma mesma comunidade imaginada.<sup>20</sup> No imaginário de cada um destes cidadãos há um sentimento comum de pertencimento a sua comunidade – seja esta seu país, sua cidade ou seu clube –, que advém do compartilhamento de vários símbolos, como idioma, hino nacional e bandeira, entre muitos outros, nos quais pode-se citar os esportes.

Assim, a identificação dos governos com os esportes seria um importante instrumento na construção de uma identificação da nação com sua liderança. E Vargas e Perón não pouparam esforços em associar suas imagens aos esportes nacionais.

### O ESPORTE COMO POLÍTICA DE ESTADO

Como visto acima, o esporte foi uma importante ferramenta de propaganda política empregada pelos governos de Vargas e Perón. A propaganda Varguista tinha no futebol sua maior fonte de elementos nacionalistas, fator derivado da supremacia colossal do futebol sobre as outras modalidades esportivas no Brasil. Mas isso não significa que os outros esportes fossem esquecidos e deixados de lado. Olhando mais a fundo, pode-se mesmo constatar a influência governamental na tentativa de se associar o futebol a outros esportes na tentativa de arrecadação de fundos e adeptos – assunto que está para ser estudado e analisado mais profundamente em outro artigo. Já na Argentina, por outro lado, o futebol aparece como mais um esporte a ser associado ao governo. Apesar de ser, como no Brasil, o esporte mais popular na Argentina, outras modalidades esportivas ganharam tanta atenção como o futebol, com divulgação, infraestrutura e financiamentos.

Desta forma, não é de se espantar que em ambos os países fossem elaborados projetos de intervenção estatal nos esportes. Já em julho de 1946, Juan Carlos Zabala, medalhista de ouro na maratona das Olimpíadas de 1932, declara-se a favor do “projeto de nacionalização dos esportes”, em entrevista cedida à revista *El Gráfico*.<sup>21</sup> Vê-se assim que um projeto de controle dos esportes já estava em progresso desde o início do governo Perón.

É nesse sentido que diversas leis vão sendo passadas, visando o incentivo ao esporte e sua dependência do auxílio estatal. Em 1946 é sancionada uma lei que autoriza, através da Comissão Nacional Honorária de Fomento ao Esporte, empréstimos para a construção de estádios, campos e instalações a centros esportivos, assim como uma lei eximindo as associações desportivas do pagamento de impostos nacionais.<sup>22</sup>

No entanto, foi com a criação do *Conselho Nacional de Educação Física*, com o Decreto Nacional N° 34.817, de 6 de novembro de 1947, que o governo ampliou ainda mais sua interferência nos assuntos esportivos. Atrelado diretamente ao Ministério da Guerra, este conselho tinha a função de “dirigir, orientar, fomentar e fiscalizar tudo referente à Educação Física oficial e privada”, compreendendo “a ginástica, os jogos e

---

<sup>20</sup> Para maiores informações sobre o conceito de Comunidade Imaginada, ver ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

<sup>21</sup> *El Gráfico*, 26 de julho de 1946, p. 9.

<sup>22</sup> LUPPO, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 38.

esportes, a recreação, o tiro esportivo, as colônias e acampamentos educativos e de férias e tudo o referente à medicina aplicada a Educação Física”.<sup>23</sup>

A demanda de uma intervenção estatal nos esportes também se deu no Brasil sob o governo de Getúlio. Antes mesmo da instauração do Estado Novo, já se discutiam projetos acerca da “oficialização dos esportes”. Projetos como os do deputado Pádua Soares e do capitão João Alberto. No primeiro, “o deputado paranaense achava que se devia dar poderes absolutos ao governo para uma quase intervenção”<sup>24</sup>, tendo Pádua Soares proposto um “absolutismo de poderes” do governo, o que não tardaria a chegar com a implantação do Estado Novo. Já o capitão João Alberto, que recebera a incumbência de elaborar tal proposta diretamente de Getúlio, sugere a criação de um Departamento de Educação Física, que controlaria todos os esportes e “não admitiria a interferência de qualquer outro ministério”.<sup>25</sup>

No entanto, apesar do pedido de Vargas pela aprovação de tais projetos na Câmara, a oficialização dos esportes viria apenas em abril de 1941, com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND). O CND controlava não apenas o esporte no país, mas também regulava entidades esportivas e competições nacionais. Confederações e federações tinham de ter seus estatutos aprovados pelo conselho, que poderia propor ao Ministério da Educação a criação ou a extinção de qualquer federação.

A intervenção destes governos no esporte era importante não apenas para a propaganda. O estímulo ao esporte estava também ligado à idéia da formação eugênica da juventude nacional. Tanto no Brasil quanto na Argentina o esporte era visto como um fator primordial na formação moral e física do cidadão. Segundo Getúlio Vargas,

Associando o cinema, o rádio e o culto nacional dos desportos, completará o governo um sistema articulado de educação mental, moral e higiênica, dotando o Brasil dos instrumentos imprescindíveis à preparação de uma raça empreendedora, resistente e varonil.<sup>26</sup>

Buscava-se assim moldar a futura geração brasileira através do esporte. A mesma idéia era recorrente na Argentina justicialista de Perón. Essa nova geração tinha sua ligação com o esporte ressaltada em festas cívicas como o Dia da Raça e o Dia da Juventude, que celebravam esta nova raça brasileira de maneira espetacular. Festejada normalmente em estádios de futebol ou nas ruas da cidade, contava com grandiosos desfiles de crianças e jovens uniformizados e ensaiados, em um majestoso teatro da grandiosidade pátria e de seu chefe, onipresente na festividade através de centenas de retratos distribuídos pelos participantes, que os ostentavam com orgulho.

A associação do esporte com o aprimoramento dos jovens também esteve presente na Argentina. Na verdade, a preocupação com as crianças e a juventude argentina esteve desde o início do governo Perón ligada à primeira dama do regime, Eva Perón. Conhecida também como “Evita”, “Mãe dos Humildes”, “Dama da Esperança”, “Fada da Esperança” ou de “Chefa Espiritual da Nação”, Eva Perón assumiu a liderança da ação social, no país, em especial após a criação da Fundação Eva Perón. Da mesma forma, Evita desempenhou um forte papel junto aos esportes no país. Através da

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> *Jornal dos Sports*, 03 de janeiro de 1937, p. 1.

<sup>25</sup> Idem, 05 de fevereiro de 1937, p. 4.

<sup>26</sup> Apud SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005, p. 94.

Fundação que levava seu nome, administrada pelo Ministro da Fazenda Ramón Cereijo<sup>27</sup>, o governo promovia campeonatos infantis de diversos esportes, conhecidos como *Campeonatos Evita*.

Os Campeonatos Evita tiveram início em 1948, envolvendo apenas crianças da Grande Buenos Aires, com o nome de “*Doña Maria Eva Duarte de Perón*”.<sup>28</sup> O campeonato foi um sucesso tão grande que, em março de 1949 foi disputado um jogo beneficente para o auxílio das crianças italianas vítimas da guerra, na qual foi disputada uma partida entre dois selecionados provenientes deste campeonato – o da capital e o da província. O Jogo foi organizado pela Comissão Organizadora do Campeonato Evita, presidida por Ramón Cereijo.

Os Campeonatos Evita passaram então a serem disputados anualmente, agora envolvendo times de crianças de todas as províncias argentinas, com a denominação de Campeonato Argentino de Futebol Infantil ‘Evita’. Nas primeiras etapas os times jogavam contra outros de suas províncias e, na fase final, os vencedores se enfrentavam na capital federal. Os jogos finais eram disputados em estádios de times profissionais, como River Plate, Boca Juniors e San Lorenzo, e contavam com a presença de Perón e Evita, além de outros políticos como Ramón Cereijo.

Estes campeonatos receberam grande atenção da mídia peronista, especialmente do semanário *Mundo Deportivo*, uma vez que além de associarem o regime à prática esportiva infantil, auxiliava na criação de uma identidade nacional, ao promover a disputa direta entre todas as províncias em um campeonato “argentino”. Tal era a ligação do nome de Eva Perón com o esporte que, no Campeonato Evita de 1952, o time campeão de Santa Fé tinha o nome de “Evita, Estrela da Manhã”. Antes dos jogos, os participantes cantavam as marchas “Evita Capitana” e a “Marcha de los Muchachos Peronistas”, além da marcha oficial do campeonato na qual diziam: “A Evita devemos nosso clube, por isso lhe guardamos nossa gratidão. Nós cumprimos os ideais, nós cumprimos a Missão, da Nova Argentina de Evita e Perón”.<sup>29</sup>

Mas os Campeonatos Infantis Evita não se resumiam ao futebol. Logo outras modalidades esportivas passaram a ser disputadas nestes campeonatos, como basquete, atletismo e pólo aquático. E em cada um desses, Perón e sua esposa eram presença garantida no jogo final, distribuindo medalhas e saindo em diversas fotos que seriam publicadas nos mais diversos jornais argentinos.

A associação do regime com o esporte atingiu proporções tão grandes na Argentina, que várias praças esportivas foram batizadas em homenagem ao primeiro mandatário e sua esposa. Em setembro de 1950, o Racing inaugura seu novo estádio, construído com verbas do governo, batizado Estádio Presidente Perón. Já o Club Atlético Sarmiento inaugurou seu estádio em julho de 1951, sob o nome de Estádio Eva Perón.

Outros esportes também foram contemplados com a construção de suas praças, a maioria com nomes ligados ao peronismo, como o velódromo Presidente Perón, em

---

<sup>27</sup> O ministro da fazenda de Perón, Ramón Cereijo, era um grande fã de esportes, em especial do Racing Club de Avellaneda. Durante os anos peronistas, o Racing foi um dos times mais fortes do futebol argentino, tendo sido tricampeão argentino em 1949-50-51. Devido ao apoio recebido pelos nomes do governo, o Racing ganhou o apelido de *Deportivo Cereijo*. Conforme REIN, Raanan. ‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, p. 58.

<sup>28</sup> El Gráfico, 24 de setembro de 1948, p. 63.

<sup>29</sup> Apud REIN, Raanan. *Op. cit.*, p. 64.

Palermo, e o autódromo 17 de outubro, em Buenos Aires, nomeado em homenagem à marcante data peronista<sup>30</sup>. Foi comum, durante o período peronista, a nomeação de campeonatos, troféus e centros esportivos com nomes peronistas ou associados ao movimento justicialista.

A construção de estádios também foi uma realidade no governo de Getúlio Vargas, mesmo que em menor escala. Dentre as praças esportivas construídas no Brasil, destaca-se o estádio municipal do Pacaembu, inaugurado em 27 de abril de 1940. Este estádio, aliado ao estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, seria um dos grandes palcos do espetáculo do poder do governo Vargas. Assim como os estádios argentinos sob Perón, os estádios brasileiros serviram de palco para várias festas cívicas. Entre tais festas destacavam-se o aniversário de Vargas (19 de abril), o Dia da Independência (7 de setembro) e, em especial, o Dia do Trabalho (1º de maio).

No 1º de maio, Getúlio Vargas sempre participava da comemoração pública oficial, que por diversas vezes ocorreu no estádio de São Januário. O estádio ficava lotado de pessoas que se dirigiam de todos os cantos da cidade, em linhas especiais de ônibus e bondes que transportavam passageiros gratuitamente. A entrada no estádio era franca, tudo feito de modo a incentivar a presença popular nas arquibancadas do então maior estádio da capital brasileira. Getúlio adentrava o gramado do estádio em carro aberto, normalmente acompanhado do Ministro do Trabalho e de alguns membros de seu gabinete. Tocava-se então o Hino Nacional, seguido de vários discursos e de desfiles de atletas militares e operários. O simbolismo do evento era grandioso, sendo este transmitido pelo DIP para todo o país, além de ser traduzido para outros idiomas e retransmitido para o exterior. Nestas cerimônias, Vargas assinava publicamente algum decreto em benefício aos trabalhadores – como o que instituiu o salário mínimo, assinado em 1940 – e se retirava do estádio de forma triunfal, sendo saudado pelo povo, que “atira-lhe flores, desfralda bandeiras, ergue vivas, numa apoteose que demora vários minutos”.<sup>31</sup>

Os estádios de futebol serviram também como propaganda política após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em 1944, com a ida dos pracinhas da FEB ao teatro de operações, o CND organiza dois jogos em homenagem aos soldados brasileiros, um no Rio de Janeiro, em São Januário, e outro em São Paulo, no Pacaembu. Os jogos prometiam ser um grande chamariz à atenção do público, sendo dois embates entre a seleção brasileira e a uruguaia. O primeiro jogo, na capital de República, contou com a presença de importantes nomes do governo na tribuna de honra, como Oswaldo Aranha, Eurico Gaspar Dutra e Joaquim Salgado Filho, ministros do Exterior, da Guerra e da Aeronáutica, respectivamente, além de oficiais do governo uruguaio. O jogo foi precedido de muitas formalidades em homenagem ao Corpo Expedicionário Brasileiro. Quatro dias depois, no estádio do Pacaembu, registrava-se a maior renda do estádio até então. Mais de 45 mil pessoas e Cr\$ 574.392,00. Nem mesmo a confusão dentro de campo, com um zagueiro uruguaio sendo retirado de maca desacordado, ofuscou o sucesso do evento.

Uma das marcas do esporte no governo Vargas foi a ausência de grandes eventos esportivos internacionais no país. O governo brasileiro havia se candidatado para sediar

---

<sup>30</sup> Em 17 de outubro de 1945, milhares de pessoas se reuniram na Plaza de Mayo para pedir a libertação do então coronel Perón, que havia sido preso por um grupo de militares. Perón foi solto no mesmo dia e discursou à multidão do balcão central da Casa Rosada, de onde anunciou que concorreria às eleições de fevereiro de 1946, quando se tornou presidente argentino.

<sup>31</sup> Correio da Manhã, 03 de maio de 1941, p. 6.

a Copa do Mundo de 1942, e possivelmente sediaria o maior certame esportivo do mundo. No entanto, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o sonho dos dirigentes nacionais foi adiado até 1950, próxima à eleição que colocaria Vargas de volta ao poder.

Já a Argentina foi sede de diversas competições internacionais durante o período peronista. O auge foi certamente o primeiro campeonato Pan-Americano, em Buenos Aires, no ano de 1951. Durante estes jogos, Perón parecia ser onipresente, assistindo a praticamente todas as modalidades e estando presente às disputas de medalhas mais importantes, sempre presente nas páginas dos jornais. Estes jogos foram, na realidade, a confirmação pública do sucesso da política esportiva peronista. Ao final da competição continental, a Argentina figurava no primeiro lugar do quadro de medalhas, com 68 medalhas de ouro e 150 no total. Os Estados Unidos, potência máxima nos esportes, ficou em segundo lugar, com 44 medalhas de ouro e 95 no total, bem abaixo do país anfitrião.

Além desses jogos, teve destaque o campeonato mundial de basquetebol, realizado também na capital argentina no ano de 1950, no qual o selecionado argentino sagrou-se campeão mundial, derrotando os Estados Unidos no jogo final. Apesar de o time americano estar representado pelos atletas do time de segunda divisão Denver Chevrolet, a vitória argentina foi comemorada profusamente nas ruas da cidade. No entanto, o basquete argentino continuou conquistando bons resultados internacionais, como a medalha de prata nos jogos Pan-Americanos de 51, perdendo a final para os Estados Unidos por 57 a 51, e com o quarto lugar nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952.

Outros esportes também foram palco de disputas internacionais em solo argentino. O já citado autódromo 17 de Outubro foi construído para receber o Grande Prêmio da Argentina de Fórmula 1, em um período no qual Juan Manuel Fangio se destacou no quadro internacional do automobilismo. O boxe também era um esporte extremamente popular e diversas lutas internacionais foram disputadas no Luna Park, principal arena fechada portenha.

E como era de se esperar, Perón e Evita se faziam presente na grande maioria desses eventos. Fotos do casal presidencial com Fangio ou na platéia de algum evento esportivo eram recorrentes, assim como fotos de Perón assistindo lutas de boxe, esporte que praticara na sua juventude.

Uma grande diferença entre Vargas e Perón em sua relação com o esporte foi na identificação pessoal do líder como um desportista. Vargas não era visto como um esportista, ao passo que Perón era tido como “O Primeiro Esportista” argentino. Sua imagem era associada à prática de muitos esportes, como pode ser visto em um artigo do *Mundo Deportivo*, publicado em um número dedicado em grande parte ao general.

Perón conoció a la juventud en los campos de deportes, a los que frecuentó como atleta integral. El boxeador de las clases académicas se transformó en el esgrimista de estilo clásico, y en esa prodigiosa multiplicación de personalidades que forja el estadio, pasó a ser basquetbolista pionero, y futbolista sagaz, tanto como automovilista fervoroso, capaz motociclista.<sup>32</sup>

A ligação de Perón com o esporte era tão profunda que em junho de 1954 a CADCOA (Confederação Argentina de Desportes, Comitê Olímpico Argentino)

---

<sup>32</sup> Mundo Deportivo, 22 de abril de 1954, p. 27.

organiza um desfile de desportistas em homenagem ao Primeiro Mandatário. O desfile, realizado na avenida Corrientes, uma das principais vias da capital argentina, contou com aproximadamente 15 mil atletas das mais variadas modalidades, como atletas de pólo, hóquei, beisebol, luta, boxe, futebol, basquetebol e ciclismo, entre outros. Até mesmo Juan Manuel Fangio participou do desfile, pilotando sua Ferrari na ala dos automobilistas. Em um período no qual seu governo já apresentava fortes dissidências e mostrava sinais de enfraquecimento, o mundo esportivo buscava mostrar todo seu apoio ao seu grande líder, ao Primeiro Desportista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A comparação aqui desenvolvida não buscou, de forma alguma, tentar encaixar estes dois regimes tão particulares em um único modelo explicativo. Apesar das certas similaridades em suas relações com o esporte de maneira geral, é inegável que cada um dos casos aqui analisados teceram essas relações de maneira muito singular. Seja através do DIP, do CND, da Fundação Eva Perón ou dos próprios Perón e Evita, pode-se afirmar que o esporte desempenhou uma função relevante no processo político-cultural dos períodos estudados. Ainda assim, as diferenças são evidentes.

O regime peronista teve uma ligação mais profunda com o esporte do que o governo getulista, sendo o líder da nação visto como o ideal do desportista argentino. Sua presença junto aos eventos esportivos e seu suporte aos mais variados esportes, profissionais ou não, garantiram-lhe a imagem desejada. No entanto, apesar de ter o apoio da grande maioria dos atletas, Perón não era uma unanimidade entre os esportistas. Como exemplo pode-se citar o automobilista de Junin, Eusebio Marcilla, que por se recusar a colocar propagandas peronistas em seu carro, foi alvo da perseguição de vários peronistas, assim como não era agraciado com a isenção de taxas de materiais importados.

Já Vargas, apesar de não ter tido uma relação tão direta com o esporte, criou uma estrutura de administração estatal do esporte muito mais duradoura. O CND continuou com suas funções de administração e controle sobre as confederações muito após a saída de Getúlio do poder. Em seu segundo governo, Getúlio nomeia seu sobrinho, Manoel Vargas Netto, para a direção da entidade reguladora dos esportes nacionais. O órgão perde sua influência política com o fim do governo Vargas, mas com o golpe de 1964 volta a comandar uma das principais fontes de propaganda da ditadura militar, em especial com a Copa do Mundo de 1970. É apenas em 1988, com a promulgação da nova Constituição, que o Conselho Nacional de Desportes é extinto, 47 anos após a sua criação.

Vê-se desta forma que, cada qual a sua maneira, Vargas e Perón desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento esportivo em seus respectivos países. Da mesma forma, pode-se perceber que os esportes cumpriram uma importante função na propaganda política e na criação da identidade nacional destes países.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002.

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ARAÚJO, Rejane. “Departamento de Imprensa e Propaganda”. En: ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMANN, Fernando; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 2, pp. 1831-1833.
- ARCHETTI, Eduardo P. *El potrero, la pista y el ring: las pátrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2001.
- ARINGOLI, Guillermo D’Arino. *La propaganda peronista: 1943-1955*. Ituzaingó: Maipue, 2006.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DRUMOND, Maurício. “Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945)”. En: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 107-132.
- LUPU, Victor. *Historia política del deporte argentino (1610-2002)*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- REIN, Raanan. “‘El Primer Deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina”. *The International Journal of the History of Sport*, v. 15, n. 2, 1998, pp. 54-76.
- RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SCHEMES, Claudia. *Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.